

A ATUAÇÃO DOS BOMBEIROS NA TRAGÉDIA DE 2008 NO MORRO DO BAÚ

Anderson da Rosa ¹

RESUMO

O referente trabalho apresenta uma pesquisa bibliográfica, onde se buscou relatar de que forma os Bombeiros atuaram na tragédia de 2008 no Morro do Baú. Com a tragédia que não é comum nessa proporção nessa região, verificou-se o déficit dos serviços das forças da União e do Estado como a falta de equipamentos e meios de transporte adequados para tal operação. Contudo, os profissionais envolvidos na operação Arca de Noé entram para a história, juntamente com a maior catástrofe do Estado de Santa Catarina como vencedores de sua missão.

Palavras-chave: Morro do Baú. Tragédia. Bombeiro.

1 INTRODUÇÃO

Santa Catarina localizada ao sul do Brasil, uma região tão exuberante por suas belezas naturais, com sua cultura diversificada e seu povo hospitaleiro, enfrentou uma tragédia jamais vista nesta região.

Ao final do mês de novembro de 2008, a cidade de Ilhota, mais especificamente no Morro do Baú, juntamente com outras cidades do Vale do Itajaí, passaram por momentos de angústia. O maior desastre natural da história do Brasil até então. Chuvas constantes, deslizamentos e enxurradas que devastaram regiões inteiras, deixando um trágico saldo de mortos, desaparecidos, desabrigados e incalculáveis prejuízos materiais.

Diante de tal fato, o presente trabalho tem por objetivo demonstrar a fundamental importância do Corpo de Bombeiros para a população que passava por uma tragédia sem precedentes.

¹ Aluno Soldado do CEBM. Corpo de Bombeiros Militar de Santa Catarina. Graduado em Educação Física.
E-mail anderson_darosa@yahoo.com.br

Em resposta ao desastre, houve uma grande mobilização de bombeiros militares e voluntários, reunindo forças de diversas Unidades da Federação, pois a demanda ultrapassava e muito a capacidade de resposta. No auge da operação o Corpo de Bombeiros possuía mais de mil homens empenhados.

2 O ESTADO DE SANTA CATARINA

O Estado de Santa Catarina está localizado na região sul do Brasil, apresenta elevado índice de desenvolvimento humano. Chamada carinhosamente de Ilha da Magia, a sua capital Florianópolis, é reconhecida por permitir uma melhor qualidade de vida e segundo parâmetros da Organização das Nações Unidas é a quarta melhor cidade para se viver.

O Estado está situado entre o Estado do Paraná, ao Norte, a Argentina a Oeste, o Estado do Rio Grande do Sul, ao Sul, e o Oceano Atlântico a Leste.

Terra de exuberantes belezas naturais, de costa litorânea recortada, possui praias aprazíveis, baías, enseadas e inúmeras ilhas. Em suas escarpadas montanhas, e no planalto catarinense, nos meses de inverno, a neve se precipita e encanta turistas de todo o Brasil. O Estado se destaca nos setores da Agricultura, da Indústria, das Exportações e do Turismo, e seus produtos são consumidos em mais de 170 países. (MENEZES, 2009)

Possuindo 95,4mil km² de área, tamanho aproximado do território austríaco, apresenta uma grande diversidade geográfica e humana. Percorrendo seu território, percebe-se as variações de paisagem, de clima e de culturas. Através de sua história, o estado recebeu diversas correntes migratórias, principalmente de portugueses, açorianos, italianos, ucranianos, alemães, poloneses e austríacos. (MENEZES, 2009)

Os alemães vieram para Santa Catarina durante o século XIX. Em 1828 fundam São Pedro de Alcântara, na grande Florianópolis. Em 1850 um novo contingente se instala no Vale do Itajaí, fundando Blumenau e outras localidades do Vale. (MENEZES, 2009)

3 O MUNICÍPIO DE ILHOTA

O Município de Ilhota, o encanto do Vale, está situado a 110 quilômetros da capital do Estado de Santa Catarina, Florianópolis. Possui 253,9 quilômetros quadrados e limita-se ao norte com Navegantes e Luis Alves, ao sul com Itajaí e Gaspar, e leste com Itajaí e Navegantes e a Oeste com Gaspar. Sua população, segundo dados do IBGE-2008, é de 12.012 habitantes, sendo 9.235 eleitores. (MENEZES, 2009)

Está situado no Baixo Vale do Itajaí, entre as cidades de Gaspar e Itajaí. Portanto, sua posição é estratégica, por localizar-se próximo do Aeroporto de Navegantes e do Porto de Itajaí. O acesso ao município pode ser realizado por duas vias de acesso: a rodovia Jorge Lacerda (SC-470) que liga Itajaí a Blumenau e atravessa o centro da cidade; e a BR-470, pela margem esquerda do rio Itajaí-açu. A ligação entre ambas é feita por serviço de balsa. Os dois acessos ligam-se à BR-101, que está a 13 quilômetros do centro da cidade. (MENEZES, 2009)

Seus bairros e localidades são divididos entre as margens esquerda e direita do Rio Itajaí-Açu, que divide o município. Na margem direita estão situados os bairros Centro, Vila Nova, Ilhotinha, Bairro das Missões, além das localidades de São João, Barra de Luis Alves, Boa Vista, Minas, Alto Minas e Laranjeira de Minas. Na margem esquerda estão situadas as localidades de Pedra de Amolar, Lagoa, São Pedro, Laranjeiras, Caieira, Fruteira, Baú Baixo, Baú Central, Braço do Baú, Alto Braço do Baú, Baú Seco, Alto Baú e Barranco Alto. (MENEZES, 2009)

4 O MORRO DO BAÚ

O Morro do Baú é sempre visto de todos os lados do Médio-Vale do Itajaí. Inconfundível. Essa é a expressão que melhor descreve o Morro do Baú. Tanto pelo formato como pela exuberância, o Baú, como é simplesmente chamado, faz parte não somente da paisagem, onde marca forte presença, mas também do imaginário de quem costuma apreciá-lo. Também não há como não vê-lo. Das duas vias que ligam o Litoral ao Vale do Itajaí é possível contemplá-lo por sua grandiosidade.

Tendo recebido esse nome em função do formato, o Morro do Baú apresenta uma série de características que fazem com que seja muito visitado em todas as épocas do ano. Uma delas, como não poderia deixar de ser, é a Mata

Atlântica praticamente inexplorada e as surpresas que abriga: fauna abundante e vegetação riquíssima. (MENEZES, 2009)

Felizmente, o acesso ao alto do morro (que acaba sendo mais íngreme do que os demais morros visitáveis do Vale) dificultou a sua exploração por parte de caçadores e madeireiros. Mesmo assim, tendo passado o tempo e havendo, hoje, uma forte conscientização ambiental, pode-se ver que mesmo a pequena parcela que foi usurpada por exploradores, hoje continua seguindo o caminho da vida. O Morro do Baú tem 819 metros de altura. Para se chegar ao pico, são 4.140 metros de subida e tem cerca de 100 km² de área. (MENEZES, 2009)

5 O CORPO DE BOMBEIROS EM SANTA CATARINA

Em Santa Catarina, o Corpo de Bombeiros surgiu através da promulgação da Lei nº 1.137, de 30 de setembro de 1917, em que o Congresso Representativo autorizava o Governo do Estado a organizar uma Seção de Bombeiros, anexa à Força Pública. Só no governo de Hercílio Luz foi sancionada a Lei nº 1288, de 16 de setembro de 1919, criando uma Seção de Bombeiros com integrantes da Força Pública, vindo a se organizar somente em 26 de setembro de 1926 e tendo como primeiro comandante o 2º Tenente Waldemiro Ferraz de Jesus. O primeiro instrutor do Corpo de Bombeiro foi o 1º Tenente Domingos Maisounette, do Corpo de Bombeiros Militar do Distrito Federal. O regulamento para a Seção de Força Pública foi aprovado pelo Decreto nº 1.996, de 20 de outubro de 1926. A Lei nº 1.546, de 21 de outubro de 1926, fixou o efetivo da Força Pública para o ano de 1927 e consignou à Seção de Bombeiro o efetivo de 02 oficiais, 05 sargentos e 20 praças. (LACOWICZ, 2002)

A primeira ocorrência atendida pela Seção de Bombeiros aconteceu em 02 de outubro de 1926, na residência nº 06 da Rua Tenente Silveira. Tratava-se de um incêndio iniciado na chaminé e que rapidamente se propagaria pelo forro, não fosse a rápida e eficiente atuação da guarnição. A partir de então, a corporação catarinense começou sua caminhada de lutas constantes, rumo ao desenvolvimento em busca da moderna tecnologia nas áreas da prevenção, combate e extinção de incêndios, salvamentos e socorros de urgência. (LACOWICZ, 2002)

6 A TRAGÉDIA

Eram os últimos dias do mês de novembro de 2008. O estado de Santa Catarina se transformara no cenário nebuloso do maior desastre natural da história do Brasil. Os sistemas atmosféricos que se instalaram sobre o estado, notadamente na região do Vale do Itajaí, trouxeram chuvas ininterruptas e enxurradas que devastaram regiões inteiras, deixando um trágico saldo de mortos, desaparecidos, desabrigados e incalculáveis prejuízos materiais.

Neste cenário tudo se deu com grandiosidade. Foi sem sombra de dúvidas o maior desastre natural já vivenciado pelo sistemas de Defesa Civil, que redundará em inúmeros estudos em todas as partes do mundo.

Em resposta a este desastre, houve a maior mobilização de bombeiros militares e voluntários, congregando forças de diversas Unidades da Federação e uma grande onda de solidariedade.

As informações sobre o desastre eram noticiadas pelos grandes veículos de comunicação e mobilizavam centenas de pessoas de norte a sul, que fragilizadas pelas imagens do infortúnio, da morte em sua realidade nua e inapelável, deslocavam-se para o Vale do Itajaí, oferecendo seu tempo, seu afeto e sua disposição para servir. O Complexo do Morro do Baú, situada no Município de Ilhota, foi o mais atingido pelo desastre em Santa Catarina, com 32 mortos.

6.1 A tragédia do Morro do Baú

A região dos Baús, antes ocupada por residências, lavouras, belas cachoeiras, floresta atlântica e povo alegre e trabalhador havia se transformado, da noite para o dia, em uma enorme montanha de lama.

As ruas do Baú não existiam mais e o curso do ribeirão que passava pelo local mudou completamente. Várias casas foram soterradas por uma terra que não é possível saber exatamente de onde veio ou, talvez sim, de todos os lados do morro. As poucas residências que permaneceram de pé guardavam apenas vestígios e lembranças de algumas famílias que nasceram e viveram no Baú. (ZENATTI; SOUSA, 2009)

Não havia um só morro sem as marcas de deslizamentos de terras. O ribeirão simplesmente mudou o seu curso natural, empurrado por esta mesma terra

que desceu dos morros. Havia árvores, móveis, eletrodomésticos, roupas, portas, janelas, canos, carros retorcidos, tratores parcialmente soterrados entre outros objetos espalhados por toda a localidade. (ZENATTI; SOUSA, 2009)

Segundo Menezes (2009) em Ilhota oficialmente morreram 47 pessoas e uma continua desaparecida no Alto Baú. Aproximadamente 3,5 mil pessoas de um total de 12 mil habitantes ficaram desalojados ou desabrigadas durante a tragédia.

7 A ATUAÇÃO DOS BOMBEIROS MILITARES E VOLUNTÁRIOS

Nos momentos de horror vividos pelos moradores do Complexo do Morro do Baú, um dos grupos de profissionais que mais se fizeram presentes foram os bombeiros. Desenvolveram atividades de resgate de pessoas e a localização e resgate de corpos, Bombeiros Militares de Santa Catarina, do Rio Grande do Sul, do Paraná, e de São Paulo; Bombeiros Voluntários de Indaial, Ilhota, Concórdia, Caçador, Ipumirim, Jaraguá do Sul e São Francisco do Sul. (MENEZES, 2009)

Os Corpos de Bombeiros Militares e os Bombeiros Voluntários realizam ações de busca terrestre, aquática e subaquática, serviços de atendimento pré-hospitalar de emergência, além das atividades preventivas e de combate aos incêndios. Os Corpos de Bombeiros Militares contam, em alguns aquartelamentos, com o auxílio de bombeiros comunitários, voluntários civis que auxiliam nos atendimentos e serviços internos de atendimento ao público. (MENEZES, 2009)

Os Bombeiros Voluntários de Santa Catarina especialmente na região do Complexo do Baú prestaram um serviço imprescindível para aquelas comunidades. Estavam muito cedo na cena da tragédia e lá permaneceram por muito tempo.

Todos os profissionais bombeiros que atuaram no Vale do Itajaí, naqueles fatídicos dias de Novembro, são merecedores da mais digna distinção. Foram testemunhas oculares dos dramas vividos pelas famílias. Expuseram suas próprias vidas para salvar quem deles mais precisava. Dois bombeiros gaúchos que compunham a Força Nacional se feriram com gravidade. Bombeiros que perderam seus bens continuaram a trabalhar e socorrer as pessoas. Os merecidos, apazíveis e revigorantes períodos de descanso, não eram proporcionados pela absoluta necessidade de emprego ininterrupto. (MENEZES, 2009,p.245).

Foi uma situação premeditada, período de chuvas que durou quase 3 meses e para aqueles dias em que ocorreu o desastre a previsão meteorológica eram de chuvas ainda mais intensas.

A população já tinha ciência de que diante tanta chuva durante tanto tempo algo de ruim pudesse vir a acontecer, só não esperavam tamanha proporção. O povo catarinense vem aos poucos assimilando uma cultura prevencionista contra desastres naturais, assim como acontece em países onde desastres naturais são frequentes. O mais recente desastre foi o furacão Catarina que foi detectado pelo sistema de meteorologia e a informação foi repassada a população que pode se precaver e as forças de segurança se mobilizarem. Assim não fosse, os danos certamente teriam sido maiores do que foram, embora se sabe que ainda se tem muito a melhorar, tanto a população quanto o poder público, no enfrentamento de eventos dessa magnitude.

O evento do desastre em 2008 foi previsto por diversos serviços de meteorologia. Os números previstos impressionaram a todos. A sua confirmação não demorou muito e a tragédia se abateu sobre o Vale do Itajaí, de forma implacável e sem precedentes.

Desde o início do período chuvoso, o Corpo de Bombeiros já vinha atuando de maneira intensa, no atendimento de diversas ocorrências relacionadas as chuvas.

Por conta disso já estavam mobilizados, deslocando equipamentos e algumas equipes de socorro, para atendimento em algumas localidades mais isoladas.

Em eventos dessa natureza, quando as outras forças de segurança são acionadas e finalmente mobilizadas, o Corpo de Bombeiros já está, há muito tempo em função da mesma por conta evidentemente da natureza das suas missões.

No Vale do Itajaí, as atenções se concentraram inicialmente em diversos municípios da região da foz do rio. As ocorrências eram as típicas de enchentes e alagamentos, por conta da elevação dos níveis dos rios.

As primeiras notícias de deslizamentos de terra e soterramento com vítimas chegaram na noite de 19 de novembro de 2008, com tais proporções o clima de caos estava instalado, as notícias andavam depressa deixando no ar muita dramaticidade.

O sistema central de comando de operação do Corpo de Bombeiros Militar foi montado em Florianópolis, onde se tinha a logística e de onde saiam toda

força em apoio ao sistema de comando de operações regionais, que foram montados em Blumenau, Itajai, Navegantes, Luiz Alves, Ilhota.

Em meio ao caos instalado, tínhamos quatro tipos de demandas bem posses de pessoas e de bens, superando, em muito, a nossa capacidade de resposta. As outras três: prover toda a logística necessária às tropas que atuavam nas linhas de frente; administrar todo tipo de ajuda que nos era ofertado, de tropa, de voluntários, de donativos e de equipamentos; e por fim dar conta do serviço de comunicação social, para os públicos interno, externo, oficial-governamental e para a mídia. (MENEZES, 2009, p. 248).

Foi recebido ajuda dos Corpos de Bombeiros dos Estados de São Paulo, Paraná, Rio Grande do Sul e também da Força Nacional com Bombeiros Militares treinados em busca, resgate e salvamento. Outro apoio recebido de grande valia foi a da Companhia dos Indestrutíveis, uma confraria que reúne colecionadores de caminhões e viaturas militares antigas, em pleno uso e ideais para atuação nas áreas atingidas. (MENEZES, 2009)

Em tais condições é muito importante que o apoio externo tenha o máximo de independência logística possível, pois caso contrário, pode passar a ser mais uma preocupação para o Comando local.

O apoio externo foi fundamental, permitiu prestar uma melhor assistência nas regiões mais isoladas de Luiz Alves e Ilhota. Ali ficaram baseadas, as tropas de São Paulo e do Rio Grande do Sul, de onde partiam as Forças Tarefas para operação nas áreas mais remotas do Morro do Baú e do Bairro Belchior. A tropa da Força Nacional ficou baseada nas instalações da seção de Combate a Incêndio do próprio Aeroporto de Navegantes, de onde partiam via aérea para a área do Morro do Baú, a área mais afetada de todo o Vale do Itajaí. (Menezes, 2009)

Diversos Estados ofereceram ajuda de suas tropas, porém optou-se em não aciona-las. Tropas do interior do Estado permaneceram mobilizadas, sendo utilizadas racionalmente, de acordo com as demandas requeridas pelos sistemas de Comando regionais. (MENEZES, 2009)

As operações terrestres tinham o Corpo de Bombeiros como principal agente. No auge da operação chegou a atuar mais de mil homens, entre militares, comunitários e demais colaboradores. A coordenação entre as forças terrestres e a coordenação aérea, alguns aspectos ficaram a desejar, apesar de todos os esforços feitos nesse sentido. A ausência de uma aeronave operada diretamente pelo Corpo de Bombeiros do Estado foi determinante para essa falta de apoio, que prejudicou e comprometeu algumas das operações. (MENEZES, 2009)

Também ficou claro que as aeronaves que são utilizadas para operações de patrulhamento policial aéreo, não são as adequadas para operações de resgate e de salvamento, pelas limitações de transporte e de carga. Comprovou-se, de forma definitiva, a necessidade do Corpo de Bombeiro Militar possuir uma aeronave com as características adequadas para esse tipo de missão. (MENEZES, 2009)

Houve um impasse em relação aos primeiros pronunciamentos do geólogos. Setenta e duas horas depois das equipes de socorro do Corpo de Bombeiros terem atuado ininterruptamente nas áreas mais afetadas, foram delimitadas uma área vermelha e uma área preta, com a recomendação expressa que nem as equipes de socorro estavam autorizadas a operar naqueles perímetros. Para desfazer o impasse, o Comando do Corpo de Bombeiros Militar emitiu nota oficial as suas tropas, informando que as restrições de áreas se aplicavam com rigor a imprensa e população em geral que a decisão de entrar e operar nas respectivas áreas ficavam sob a inteira responsabilidade de cada comandante de tropa, de acordo com urgência de cada missão que se apresentasse. Sendo que a presença de civis em situações de risco ainda permanecia. Foi durante essas operações que a falta um apoio aéreo direto prejudicou e quase comprometeu algumas missões. (MENEZES, 2009)

Passada a fase mais crítica, foram deslocadas tropas do interior do Estado para substituir as tropas dos municípios mais afetados, para que os bombeiros que também tiveram suas residências atingidas tivessem um tempo maior para atender seus familiares e tratar de suas perdas. (Menezes, 2009)

As últimas operações que foram realizadas, especificamente na região do Morro do Baú, perduraram durante os períodos de festas natalinas, e adentraram ao novo ano. Foram as operações de localização e resgate dos corpos das pessoas desaparecidas. Trabalho executado com auxílio de cães, ferramenta essencial para este tipo de trabalho, que já vinha sendo utilizados desde o início das operações. (MENEZES, 2009)

Esta operação batizada como Arca de Noé, entra para a história do Corpo de Bombeiro Militar de Santa Catarina como a operação de maior duração e mobilização de tropas estaduais e interestaduais.

8 CONCLUSÃO

O povo que foi afetado na tragédia, já tinha uma cultura prevencionista, mas não imaginava que poderia chegar a tais proporções, como foi o caso do Morro do Baú.

Nesse tipo de evento o Corpo de Bombeiros sempre é o primeiro a entrar em ação devido a natureza de suas missões.

A pesquisa realizada com este artigo, também detectou que apesar de todo o esforço do Corpo de Bombeiros relacionado ao resgate e salvamento de pessoas e bens, a demanda superava e muito a capacidade de resposta, sendo o Corpo de Bombeiros o principal agente das operações terrestres. A ausência de uma aeronave operada diretamente pelo Corpo de Bombeiros do Estado foi determinante, pois prejudicou e comprometeu algumas operações.

Mesmo com toda dificuldade os Bombeiros foram heróis de sua missão, trabalhando em condições de risco a sua própria vida, em busca de corpos e sobreviventes nos lugares mais afetados pelo desastre.

REFERÊNCIAS

LACOWICZ, Altair. **Corpo de Bombeiros Comunitário a parceria que deu certo**. Chapecó: Imprimax, 2002.

MENEZES, José Geraldo Rodrigues de. **A tragédia do Morro do Baú**. Blumenau: Nova Letra, 2009.

Morro do Baú. Disponível em:

<<http://arautodofuturo.wordpress.com/2008/11/29/morro-do-bau-o-paraiso-nao-existe-mais>>, acesso em: maio 2011.

ZENATTI, Ana Paula de Assis; SOUSA, Soledad Yaconi Urrutia de. **Relatos de um desastre: Narrativas Jornalísticas da Tragédia de 2008 em Santa Catarina**. Florianópolis, 2009.